

A Desumanização do Sexo¹

Não é possível falar de sexo humano sem falar de amor. No entanto, ao falarmos de amor, devemos lembrar que se trata de um fenómeno especificamente humano. E devemos fazer com que seja preservado na sua condição humana, em vez de abordado de uma forma reducionista.

O que é exatamente o reducionismo? Eu defini-lo-ia como um procedimento pseudocientífico que estuda os fenómenos humanos e os reduz a fenómenos sub-humanos – ou então os deduz a partir destes. O amor, por exemplo, seria interpretado como a sublimação de impulsos sexuais e instintos que o homem partilha com outros animais. Tudo o que uma interpretação destas faz é impedir uma verdadeira compreensão do fenómeno humano.

O amor é, na realidade, apenas um aspeto de um fenómeno humano mais abrangente a que tenho vindo a chamar autotranscendência (Frankl, 1963). O homem não está, como as teorias dominantes sobre motivação gostariam que acreditássemos, preocupado essencialmente com a gratificação das suas necessidades e a satisfação dos seus impulsos e instintos, mantendo ou restabelecendo desse modo a sua homeostasia, isto é, o seu equilíbrio interno. Em vez disso, o homem está – por força da qualidade autotranscedente da realidade humana – basicamente preocupado

1. Versão revista e ampliada do ensaio “Love and Society”, que foi traduzido para japonês e publicado no volume *Pathology of Modern Men*, editado por Sadayo Ishikawa, Tóquio: Seishin Shobo, 1974.

em transcender-se, seja em relação a um sentido para cumprir ou em relação a outro ser humano com quem queira encontrar-se no amor.

O encontro amoroso, no entanto, exclui em definitivo olhar para outro ser humano, ou usá-lo, como um mero meio para atingir um fim – como um instrumento para reduzir as tensões criadas pelos impulsos e instintos libidinais ou agressivos. Isto seria o equivalente a masturbação – e, na verdade, é assim que muitos dos nossos pacientes sexualmente neuróticos falam da maneira como tratam os parceiros: afirmam com frequência que se “masturbam nos seus parceiros”. Uma atitude dessas para com um companheiro sexual é uma distorção especificamente neurótica da sexualidade.

A sexualidade humana é sempre mais do que simples sexo, e é mais do que sexo na medida em que serve como expressão física de qualquer coisa metassexual: é a expressão física do amor. Só na medida em que o sexo cumpra esta função será uma experiência verdadeiramente recompensadora. Maslow (1964) tinha razão ao assinalar que “as pessoas que são incapazes de amar não conseguem retirar do sexo a mesma emoção entusiasmada do que aquelas que são” (p. 105). De acordo com 20 mil leitores de uma revista de psicologia norte-americana que responderam a um questionário, o fator que mais intensifica a potência e o orgasmo é o romantismo – ou seja, uma coisa muito próxima do amor.

No entanto, não é absolutamente rigoroso afirmar que a sexualidade humana é mais do que mero sexo. Como Irenaeus Eibl-Eibesfeldt (1970) mostrou, em alguns vertebrados o comportamento sexual também serve a coesão do grupo – e este é particularmente o caso de primatas que vivem em grupos. Assim, em certos macacos as relações sexuais às vezes servem exclusivamente um propósito social; nos humanos, afirma Eibl-Eibesfeldt, não há dúvida de que as relações

sexuais determinam não apenas a propagação da espécie, mas também a relação monógama entre os parceiros.

Enquanto o amor, pela sua própria natureza, é um fenómeno humano, a sexualidade torna-se humana apenas em resultado de um processo de desenvolvimento, o produto de um amadurecimento progressivo (Frankl, 1955). Começamos pela diferenciação feita por Sigmund Freud entre o objetivo dos impulsos e instintos, por um lado, e o seu objeto, por outro: a finalidade do sexo é a redução das tensões sexuais, enquanto o objeto é o parceiro sexual. Na minha opinião, isto só é válido para a sexualidade neurótica: só um indivíduo neurótico quer em primeiro lugar e acima de tudo descarregar o seu esperma, seja através de masturbação, seja usando o parceiro como um outro meio para atingir o mesmo fim. Para a pessoa madura, o parceiro não é de todo um “objeto”; essa pessoa vê no parceiro outro sujeito, outro ser humano, cuja qualidade humana valoriza; e se o ama realmente, vê-o como pessoa única e exclusiva na sua essência. Esta qualidade é a essência pessoal de um ser humano e só o amor permite a uma pessoa captar noutra esta essência.

Apreender esta condição única de um ente amado resulta, compreensivelmente, numa relação monógama. O parceiro deixa de ser intercambiável. Pelo contrário, quem não for capaz de amar acaba na promiscuidade.¹ Viver na promiscuidade implica ignorar a essência única do outro e isto, por sua vez, impede uma relação de amor. Uma vez que apenas a sexualidade com raízes no amor pode ser realmente recompensadora e satisfatória, a qualidade da vida sexual de uma pessoa assim é pobre. Não admira, pois, que tente compensar essa

1. Tal como a masturbação significa estar satisfeito com a redução de tensão como objetivo, também a promiscuidade significa estar satisfeito com a condição de objeto do parceiro. Em nenhum dos casos é concretizado o potencial humano para o sexo.

falta de qualidade com a quantidade. Isto, por seu turno, exige um estímulo crescente e intensificado, como o que é proporcionado, por exemplo, pela pornografia.

Daqui fica muito claro que não há de modo algum justificação para a glorificação de fenómenos de massas como a promiscuidade ou a pornografia ou para os considerar progressistas. São regressivos; são sintomas de um atraso no amadurecimento sexual.

Também não nos devemos esquecer que o mito de que o sexo só por prazer e diversão é uma coisa progressista é fomentado por pessoas que sabem que isso é um bom negócio. O que me intriga é que a geração jovem não só compra este mito, mas está cega à hipocrisia que se oculta por trás dele. Numa era em que a hipocrisia em questões sexuais é tão rejeitada, é estranho que não seja notada a hipocrisia daqueles que preconizam uma certa libertação de toda a censura. É assim tão difícil reconhecer que a real preocupação deles é a sua liberdade ilimitada para ganhar dinheiro?

Não pode haver um negócio bem-sucedido sem uma procura substancial que esse negócio satisfaz. Na nossa cultura atual, estamos a testemunhar aquilo a que se poderia chamar uma inflação do sexo. Isso só é compreensível tendo em conta o panorama mais vasto do vazio existencial e o facto de o homem – agora que os impulsos e instintos já não lhe dizem o que tem de fazer, nem as tradições e valores aquilo que deve fazer – já não saber muitas vezes o que deseja fazer.

No vazio existencial que resulta deste estado de coisas, a libido sexual sofre uma hipertrofia – e é esta hipertrofia que provoca a inflação do sexo. Como outro tipo qualquer de inflação – por exemplo, no mercado monetário –, a inflação sexual está associada a uma desvalorização: o sexo é desvalorizado na mesma medida em que é desumanizado. Observamos assim

a tendência para levar uma vida sexual que não está integrada na própria vida pessoal, mas é antes vivida exteriormente, orientada apenas para o prazer. Uma tal despersonalização do sexo é um sintoma de frustração existencial: a frustração da busca de sentido por parte do homem.

Já falámos então das causas; mas, então, e as consequências? Quanto mais frustrada é a sua busca de sentido, mais intensamente se dedica o homem àquilo que, desde a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, tem sido designado “a procura da felicidade”. Quando esta tem origem numa busca frustrada de sentido, então está destinada à intoxicação e ao atordoamento. Em última análise, é autodestrutiva, porque a felicidade só pode surgir enquanto resultado de viver a própria autotranscendência, da dedicação a uma causa a servir ou a uma pessoa a quem amar.

Em plano algum isto é mais evidente do que no da felicidade sexual. Quanto mais a transformarmos numa finalidade, mais erraremos o alvo. Quanto mais preocupado um paciente homem estiver com a sua potência, mais provável é que se torne impotente; quanto mais uma paciente mulher tentar demonstrar a si mesma que é capaz de sentir completamente o orgasmo, mais provável é que incorra em frigidez. A origem da maior parte dos casos de neurose sexual que encontrei em muitas décadas de prática psiquiátrica pode facilmente ser atribuída a este estado de coisas.

Como já referi noutros trabalhos (Frankl, 1952, 1955; e ver também o capítulo “Intenção Paradoxal e Derreflexão” neste livro), em geral os neuróticos sexuais atribuem à realização sexual o que poderia chamar-se uma exigência de qualidade. Sendo assim, as tentativas para curar esses casos têm de começar por suprimir esse elemento. Desenvolvi uma técnica através da qual pode ser aplicado um tal tratamento e publiquei-a em inglês pela primeira vez no *International Journal of Sexology*

(Frankl, 1952). No entanto, só quero sublinhar aqui o facto de a nossa cultura atual, dadas as motivações que antes aponte, idolatrar a realização sexual e, desse modo, ainda reforçar a exigência de qualidade do indivíduo sexualmente neurótico, contribuindo para intensificar a sua neurose.

Também a pílula, ao permitir à mulher ser mais exigente e espontânea, encoraja os homens a sentirem as relações sexuais como uma coisa que lhes é exigida. Até há autores norte-americanos que responsabilizam o movimento de libertação das mulheres por as ter libertado de velhos tabus e inibições, ao ponto de raparigas da universidade estarem a exigir satisfação sexual – a exigí-la aos colegas universitários. O resultado tem sido o aparecimento de um novo conjunto de problemas, designado “impotência universitária” ou “a nova impotência” (Ginsberg *et al.*, 1972).¹

Observamos qualquer coisa de semelhante ao nível sub-humano. Há uma espécie de peixe cujas fêmeas habitualmente se afastam a nadar “sedutoramente” dos machos que procuram acasalar com elas. No entanto, Konrad Lorenz conseguiu treinar uma fêmea para fazer precisamente o contrário – para se aproximar do macho de forma decidida. Como é que este reagiu? Exatamente como se esperaria que um universitário fizesse: com uma incapacidade total para ter relações sexuais.

Quanto à pílula, apenas discutimos um efeito secundário, negativo. Olhando para o seu lado positivo, é preciso reconhecer que está a prestar um serviço inestimável. Se é verdade que é o amor que humaniza o sexo, é a pílula que liberta o

1. “As mulheres aprenderam sobre o orgasmo”, afirma Nyles A. Freedman, diretor dos Centros de Saúde Sexual da Nova Inglaterra. “Há uma insistência destrutiva no desempenho, que pode causar ansiedade e medo de funcionar. A impotência sexual está a aumentar, em parte devido ao que os homens esperam que as mulheres esperem.” Dena K. Whitebook, do Instituto Americano de Relações Familiares, até lança culpas de forma mais direta sobre as exigências irrazoáveis das mulheres. (*Newsweek*, 16 de janeiro de 1978)

sexo da sua relação automática com a procriação e lhe permite assim que se torne, e permaneça, uma expressão pura de amor. O sexo humano, como dissemos, nunca deve ser transformado num mero instrumento ao serviço do princípio do prazer. Contudo, como vemos agora, também não deve ser um simples meio para um fim que é ditado pelo instinto de procriação. A pílula emancipou o sexo de uma tal tirania e tornou assim possível a concretização do seu verdadeiro potencial.

Os tabus e inibições sexuais da época vitoriana estão a desaparecer e atingiu-se a liberdade nas questões sexuais. Aquilo que não devemos esquecer é que essa liberdade ameaça degenerar em simples licenciosidade e arbitrariedade, a menos que seja vivida com sentido de responsabilidade.